

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Vieira, Padre Antonio

Sermão da quarta dominga depois da Páscoa. Com comemoração do Santíssimo Sacramento.

Pregado em S. Luiz do Maranhão

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. IX, núm. 3, septiembre, 2006, pp. 538-
564

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017487013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Sermão da quarta dominga depois da Páscoa*

Com comemoração do Santíssimo Sacramento.
Pregado em S. Luiz do Maranhão

Padre Antonio Vieira

*Vado ad eum, qui me misit, et nemo ex vobis interrogat me, quo vadis?
Sed quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor véstrum.*

Joan., XVI

I

Nos outros dias em que celebramos a memória do sagrado mistério da Eucaristia, temos sempre a mesa do Santíssimo Sacramento; hoje temos a mesa, e mais a sobremesa. Instituiu Cristo Senhor nosso sacramento de seu corpo e sangue na última Ceia que celebrou com seus discípulos: veio a usual primeiro, depois a legal, e por fim, com pasmo dos homens, e assombro dos anjos, a sobrenatural e divina: e a esta se seguiu à sobremesa, não menos soberana e admirável, que foi uma prática paternal e amorosa, cheia de documentos e segredos altíssimos, com que o divino Mestre ilustrou, mais que nunca, os entendimentos de toda a sua escola, e lhes animou e fortaleceu os corações, para que perseverassem firmes em sua doutrina e amor.

Desta prática é parte o Evangelho que acabamos de ouvir, e deste Evangelho são também parte as palavras que produz, poucas, mas muito

* Neste belo Sermão tão substancioso e largo, a matéria e o estilo adaptam-se ao auditório mais grado e instruído. O assunto é por sua própria natureza interessantíssimo e Vieira soube tratá-lo com verdadeira maestria. A comemoração do Sacramento, no fim do Sermão, é magnificamente deduzida. A grafia do texto foi atualizada, mantendo-se a pontuação.

notáveis. Entre as coisas que o Senhor declarou e revelou aos seus discípulos, foi que era chegada a hora em que se havia se apartar deles, e partir deste mundo. Já se vê quais seriam os efeitos que causaria nos ânimos de todos uma novidade tão grande, e não esperada. Ficaram como atônitos, e fora de si, e penetrados de uma tristeza tão profunda, que juntamente os emudeceu a todos, sem haver quem dissesse uma palavra. As saudades, o próprio desamparo, e em suma, a força da tristeza, parece que eram causa daquele silêncio; mas o Senhor pelo contrário lhe declarou, que o silêncio era a causa da tristeza: *Quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.* Porque vos disse que me hei de apartar de vós, se encheram de tristeza os vossos corações. E a verdadeira causa dessa mesma tristeza, que parece sem remédio, não é a minha ausência, senão o vosso silêncio: *Neno ex vobis interrogat me, quo vadis?* Nenhum de vós me pergunta para onde vou, e por isso estais tristes: que se vós me fizéreis esta pergunta, e eu vos respondera a ela, nenhum de vós se havia de entristecer.

Esta consequência verdadeiramente admirável, que parece enigmática e dificultosa de entender, entenderam os discípulos com a luz que infundiu em suas almas o Mestre divino. E nós o que faremos? Deixando os Discípulos já consolados e animados, e aplicando a mesma consequência a nós, ela será a matéria do meu discurso. Determino ensinar hoje a todo o homem em qualquer fortuna, uma arte muito certa, muito útil, muito agradável, e muito breve, que é a arte de não estar triste. Se houvesse uma arte ou remédio universal, que totalmente nos livrasse de tristezas, e que em nenhum caso houvessemos ou pudéssemos estar tristes, não seria muito para desejar, e para todos a quererem aprender? Pois isto é o que hoje pretendo ensinar com a divina graça. Peçamo-la por intercessão da cheia de graça. *Ave Maria.*

II

A enfermidade mais universal que padece neste mundo a fraqueza humana, e não só a mais contrária à saúde dos corpos, senão também a mais perigosa para a salvação das almas, qual cuidais que será? É a tristeza.

Primeiramente é enfermidade universal de todos os homens, e universal igualmente de todas as terras; porque nenhuma há tão sadia, e de ares tão benignos e puros, que esteja isenta deste contágio, e nenhum homem há tão bem acomplexionado de todos os humores, que quase habitualmente não esteja sujeito aos tristes acidentes da melancolia. O primeiro e infalível prognóstico, e também universal desta doença, quando ainda não sabemos desarticular vozes, é entrarmos neste mundo chorando. Entramos todos chorando, diz Salomão (metendo-se também ele na conta) porque assim confessamos esta miséria natural, e

começamos nos primeiros passos da vida e pagar este tributo à tristeza, a que havemos de estar sujeitos em toda ela. A tristeza (se buscarmos a razão deste tributo) não é filha da natureza, senão da culpa. Do primeiro pecado do gênero humano, nasceu um tão negro e feíssimo monstro; e como todos somos filhos de Adão, todos herdamos dele este triste patrimônio. Nenhum filho daquele pai foi tão privilegiado da natureza, nem tão mimoso da fortuna, nem tão lisonjeado da vida, nem tão esquecido da morte, que antes dela não padecesse muitas tristezas, que lhe fizessem desagradáveis essas mesmas felicidades. Este mundo em que vivemos, todo é vale de lágrimas, nome com que o batizou David ainda para depois de cristão: *In valle lacrymarum, in loco, quem possuit* (Psalm., LXXXIII, 7). Em todo este vale ninguém pode melhorar ou altear de lugar, ainda que o ponha onde quiser: *In loco quem possuit*: e ninguém se pode isentar de tristezas, porque todo o mundo é vale, e todo o vale é de lágrimas: *In valle lacrymarum*. Só este vale é vale sem montes: e posto que alguns quiseram levantar montes neste vale, e parece que o conseguiram, todos esse montes, por altos e altíssimos que sejam, não escapam do dilúvio da tristeza. Os reis, os príncipes, os monarcas, os imperadores, os papas, por mais que o seu estado os tenha levantado tanto sobre os outros homens, nem por isso deixam de chegar lá os nublados, e chuveiros contínuos das tristezas. É verdade que as tristezas dos príncipes andam sobredouradas com os resplendores dos cetros e das coroas; mas por isso mesmo são maiores e mais pesadas, porque são mais interiores. As tristezas que correm pelos olhos, não são as mais tristes; as que se afogam no coração, e as que o afogam, essas são as mais sensíveis e penetrantes. Aqueles mesmos resplendores que cá se admiram por fora, são os relâmpagos das grandes tempestades que lá se ocultam e devoram por dentro. Assim que a tristeza é um mal e enfermidade universal, de que ninguém escapa.

III

É também, como dizia, a doença mais contrária à saúde dos corpos; porque, mais ou menos aguda, sempre é mortal. Não o hei de provar com aforismos de Hipócrates ou Galeno, mas com Textos expressos todos do Espírito Santo. No capítulo dezessete dos Provérbios, diz o Espírito Santo pela boca de Salomão, que a tristeza seca os ossos: *Spiritus tristis exsiccat ossa* (Prov., XVII, 22). Dissera-se que murcha e seca a cor, a pele, as veias, a carne, muito dizia; mas os ossos que são as partes mais interiores, mais sólidas, mais duras, mais fortes, com que se sustenta esta fábrica do edifício humano?

Assim o diz a sabedoria daqueles olhos que penetram dentro de nós, o que nós não podemos ver. De sorte que é a tristeza um gusano negro (à diferença dos

brancos que roem o bronze) o qual nos está sempre comendo e carcomendo por dentro, e bebendo e secando o úmido daquelas raízes em que se sustenta o calor da vida, até que ele se apaga, e ela morre.

Mas este *até que* quando tardará? Não muito tempo, nem com passos vagarosos. Porque aquele cavaleiro do Apocalipse, que montado sobre um cavalo pálido, tinha por nome Morte, esporeado da tristeza corre a toda a pressa. O mesmo Espírito Santo o diz no Capítulo trinta e oito do Eclesiástico: *A tristitia festinat mors* (Eccl., XXXVIII, 19). Para uns homens parece que vem a morte a pé, para outros a cavalo; para uns andando, para outros correndo, porque uns morrem devagar, outros depressa; mas a Parca que sempre antes do tempo corta os fios à vida, é a tristeza. Vereis a um destes, quando ainda se conta no número dos vivos, descorado, pálido, macilento, mirrado; as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas caídas, a cabeça derrubada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuída. E se ele se deixasse ver dentro da casa, ou sepultura, onde vive como encantado, vê-lo-ieis fugindo da gente, e escondendo-se à luz, fechando as portas aos amigos, e as janelas ao sol, com tédio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido, ou imaginado pode dar gosto. E estes efeitos tão desumanos, cujos são, e de que procedem? Sem dúvida da melancolia venenosa e oculta, que a passos apressados leva o triste à morte: *A tristitia festinat mors*.

Para prova desta funesta verdade, bastava um só, e sobejavam os dois Textos referidos do Espírito Santo; mas sobre eles acrescentou a mesma sabedoria o terceiro, tão admirável e encarecido, que, se não fora da boca divina, pudera parecer incrível: *Omnis plaga, tristitia cordis est* (Eccl., XXV, 17). A tristeza do coração não é uma só chaga ou uma só ferida, senão todas. Sendo chaga e ferida do coração, bastaria ser um só para ser mortal; mas como no coração depositou a natureza todo o tesouro da vida, assim no mesmo coração descarregou a tristeza toda a aljava das suas setas. Dali saem todos os espíritos vitais, que se repartem pelos membros do corpo, e dali, se o coração é triste, todos os venenos mortais que os lastimam e ferem. Ferem a cabeça, e perturbando o cérebro lhe confundem o juízo; ferem os ouvidos, e lhe fazem dissonante a harmonia das vozes; ferem o gosto, e lhe tornam amargosa a docura dos sabores; ferem os olhos, e lhe escurecem a vista; ferem a língua, e lhe emudecem a fala; ferem os braços, e os quebrantam; ferem as mãos e os pés, e os entorpecem; e ferindo um por um todos os membros do corpo, nenhuma há que não adoeça daquele mal, que maior moléstia lhe pode causar, e mais pena. Considerai-me um cadáver vivo, morto e insensível para o gosto; vivo e sensitivo para a dor; ferido e lastimado, chagado e lastimoso; cercado por todas as partes de penas, de moléstias, de aflições, de angústias; imaginando todo o mal, e não admitindo pensamento de bem; aborrecido de tudo, e muito mais de si mesmo; sem alívio, sem consolação, sem remédio, e

sem esperança de o ter, nem ânimo ainda para o desejar; isto é um triste de coração. Os outros venenos, em chegando ao coração, matam; mas este, como nasce, e se cria no mesmo coração, vai mais devagar em matar, mas não pode tardar muito.

IV

- Fosse embora tão contrária à vida e saúde dos corpos a enfermidade da tristeza, mas o pior mal deste mal é ser igualmente perigosa e nociva à salvação das almas. Este é o terceiro ponto deste primeiro discurso, e uma verdade pouco sabida, sendo a de maior importância.

Tristitia animarum crudele tormentum est, et vermi similis venenato, non solum carnem, sed animam ipsam perimens. A tristeza, diz S. João Chrisóstomo, é um cruel tormento da alma, e semelhante a um bicho venenoso, que dentro de nós não só mata os corpos, senão também as mesmas almas. Grande dizer; mais difícil ao que parece! A morte do corpo consiste na separação, com que a alma, que é a vida do corpo, se aparta do corpo; a morte da alma consiste na separação, com que Deus, que é a vida da alma, se aparta da alma: a separação da alma, com que morre o corpo, fá-la a febre, ou a espada; a separação de Deus, com que morre a alma, fá-la só o pecado. Pois se só o pecado é morte da alma, como pode a tristeza matar as almas? Por isso mesmo; porque sendo a morte da alma só o pecado, a disposição para o pecado mais aparelhada, mais pronta, mais eficaz e mais próxima é a tristeza. Neste sentido se hão de entender umas palavras do grande Doutor da Igreja S. Basílio, as quais parece que dizem: *Nimia tristitia auctor peccati esse solet, cum moeror mentem submergat, et consilii inopia vertiginem afferat.* A grande tristeza, diz, S. Basílio, costuma ser a autora e causa dos pecados; porque esta fortíssima e escuríssima paixão afoga a alma, e assim como os que padecem vertigens na cabeça caem, assim ela por falta de juízo e conselho faz que caiam os homens no pecado.

Pouco era para induzir a pecar, que a tristeza escurecera só o entendimento, se a mesma escuridade não prendera e atara também à vontade. Das trevas, que foram a nona praga do Egito, diz o Texto sagrado, que não só cegavam a vista dos homens, mas que os prendiam e atavam de maneira, que enquanto elas duraram, nenhum se pôde mover, nem bulir do lugar onde estava: *Nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco, in quo erat* (Exod., X, 23). Caso verdadeiramente admirável, e exemplo prodigioso e horrendo do que pode a escuridade das trevas! Que fossem as trevas tão espessas que eclipsassem totalmente e escurecessem a luz do sol, bem se entende; mas se me faltava o sol, por que senão valiam do fogo, como os que vivem debaixo do pólo, nos seis meses

que não vêem? Porque nem eles tinham movimento para acender o fogo, nem o fogo tinha vigor para vencer as trevas: *Et ignis quidem nulla vis poterat illis lumen praebere* (Sapient., XVII, 5). Assim o afirma a mesma Escritura Sagrada do Livro da Sabedoria, onde com esquisita elegância pondera que das trevas lhe formou Deus ou forjou uma cadeia, com que os atar: *Una enim catena tenebrarum omnes erant colligati* (ibid., 17). E diz mais o mesmo Texto, que sendo tão insuportável o tormento das trevas, ainda os egípcios padeciam outro naquela miséria mais pesado e intolerável, que era sofrer-se cada um a si mesmo: *Ipsi ergo sibi erunt graviores tenebris* (ibid., 20).

Tal é o estado de um triste, quando a força da sua mesma melancolia o mete no profundo e escuríssimo abismo da desconsolação. Assim como ao egípcio não lhe valia contra as suas trevas nem a luz a do sol, nem a do fogo; assim não lhe basta a um triste nem o lume da fé, nem o lume da razão, para vencer as suas, que só lhe são palpáveis. E assim como o egípcio com aquela cadeia sem ferro, mais dura porém que o mesmo ferro, estava atado de pés e mãos; assim o triste, preso sem grilhões nem algemas à cadeia da sua própria tristeza (contando-lhe sempre os fuzis, a que não acha número), nem tem pés para fugir, nem mãos para resistir às tentações do demônio, e por isso esta sempre exposto, e quase rendido ao pecado. Disse quase rendido, e disso muito menos do que deveria; porque se o demônio é o que tenta e vence, a força ou fraqueza, que dá a vitória, é a da tristeza. Ouçamos outra vez a mais eloquente voz da Igreja Católica, e feche-nos o discurso Chrisóstomo com a mesma chave de ouro com que o abriu: *Omni diabolica actione potentior ad nocendum est moeroris spiritus: daemon enim quoscumque fere superat, per moerorem superat. Eum si auferas, nemo à daemone laedi poterit.* A tristeza humana é mais poderosa que toda a ação diabólica, porque todos aqueles a quem comumente vence o demônio, por meio da tristeza os vence: tanto assim, que se no mundo não houvera tristeza, a ninguém pudera vencer, nem ofender o demônio. E porque este testemunho tão notável não pareça singular, o mesmo diz São Bernardo, afirmindo que, entre todos os espíritos malignos, o péssimo e mais nocivo de todos é a tristeza: *Certe tristitia saecularis omnium malorum spirituum est pessimus.* De sorte que o demônio, ajudado da tristeza, não é um só demônio, senão dois, e a tristeza pior é mais diabólica que o mesmo demônio.

E se me perguntardes como concorre a tristeza com o demônio para o pecado, posto que bem creio que o terá cada um experimentado em si, eu o direi facilmente. É muito natural aos tristes desejar o alívio, e procurar o remédio para sua tristeza; e quando a triste alma chega a estes pontos, então entra a tentação e o demônio; e os alívios e remédios que lhe oferece são tais como ele. Se a tristeza é por ambição e desejo de ser mais, persuade-lhe que não faça caso da Lei de Deus, como a Adão e Eva, que por serem como Deus a quebraram (Gen.,

III). Se a tristeza é por pobreza, persuade-lhe que furte, como a Achan, soldado ilustre, mas pobre, que furtou sacrilegamente a púrpura e regra de ouro nos despojos de Jericó (Josué, VII). Se a tristeza é por amor, persuade-lhe a que vença por força e violência o que não pode por vontade, como Amnon e Thamar, sem reparar na dobrada infâmia em ambos igualmente sua (2º Livr. dos Reis, XIII). Se a tristeza é por apetite do supérfluo, como a do rei Achab, persuade-lhe que o domínio universal da coroa acrescente a vinha de Naboth, e com testemunho falso jurado, se não houver outra causa (3º Livro dos Reis, XXI). Se a tristeza é por afronta, persuade-lhe a que a vingue, ainda que seja por traição, como a Absalão, que contra as obrigações do sangue, e leis da hospitalidade, matou aleivosamente a Amnon (2º Livro dos Reis, XIII, 29). Se a tristeza é por inveja, persuade-lhe que derrube o invejado, posto que inocente e benemérito, como Aman, válido do rei Assuero, ao fidelíssimo Mardocheu (Esth., VI). Se a tristeza é por saudades, persuade-lhe a que dos retratos do ausente faça ídolos, como deram princípio à idolatria de todo o mundo as saudades de Belo (Gen., X). Se a tristeza é por falta de filhos e sucessão, como a da outra Thamar mais antiga, persuade-lhe que se não os há de dar Sela seu esposo, os busque em quem os pode dar, como ela fez em Judá, posto que adultera e incestuosamente (*ibid.*, XXXVIII). Se a tristeza é por ódio, com a de Saul a David, persuade-lhe que, ingrato às cordas da sua harpa, como o ferro da própria lança o pregue a uma parede (1º Livro dos Reis, XVIII). Se a tristeza é por falta de saúde, persuade-lhe que troque as receitas da medicina pelos feitiços da arte mágica, como depois de Jerobão fizeram todos os reis de Israel (4º Livro dos Reis, I), aos quais e ao mesmo reino sepultou Deus vivos, e esse são os ossos já então secos e mirrados, que viu Ezequiel há mais de dois mil anos (Ezech., XXXVII). Infinita matéria fora se houvéramos de discorrer por todos os pecados, com que o demônio ajudado da tristeza mata as almas. A Caim, triste por se ver menos favorecido, persuadiu-lhe o demônio que matasse a seu irmão, e matou-o (Gen., IV). A Achitofel, triste porque Absalão não seguirá o seu voto, persuadiu-lhe que se matasse a si mesmo, e matou-se (2º Livro dos Reis, XVII). A Judas, triste pelo que tinha feito contra seu Mestre, persuadiu-lhe que se enforcasse: mas antes que lhe impedisse a respiração o aperto do laço, a mesma tristeza que não cabia dentro, lhe fez estalar o coração, e por isso rebentou pelo meio: *Crepuit medius* (Act., I, 18).

V

Estes são os efeitos da tristeza (doença de que ninguém escapa nesta vida, e muito mais os mais entendidos), e este, que ultimamente declarei, é o modo com que a mesma tristeza não só chega a matar os corpos, senão também as almas. Resta

agora, neste segundo discurso menos melancólico, tratar do remédio desta peste do gênero humano, e ensinar, como prometi, a arte de nunca estar triste.

Nas breves palavras que propuz temos uma e outra coisa, isto é, a tristeza e mais o remédio: A tristeza: *Quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum*. O remédio: *Nemo ex vobis interrogat me, quò vadis*: Porque vos disse que me ausento, encheu a tristeza os vossos corações, e nenhum de vós me pergunta para onde vou. Como se dissera o Senhor a seus Discípulos pela frase das nossas escolas: A vossa tristeza tem duas causas; uma positiva, outra negativa: uma que entendéis, outra não. Da minha parte dizer que me hei de apartar de vós; da vossa não me perguntardes para onde vou. Deu a tempestade com o navio à costa e dizemos que se perdeu, porque lhe faltaram as amarras. Assim é neste mesmo sentido. Porque ainda que a força dos ventos foi a causa do naufrágio, se as amarras não faltaram, nelas teria o remédio, e não se perdera. Da mesma sorte a causa ou motivo da tristeza dos Discípulos era a ausência do divino e tão amado Mestre; mas se eles tiveram feito a pergunta em que não advertiram, nela teriam os seus corações o remédio da mesma tristeza: *Tristitia implevit cor vestrum, et nemo ex vobis interrogat me, quo vadis?*

Nestas duas palavras, *quo vadis* (acomodando-as a nós), nesta pergunta tão breve, e nesta única máxima ou preceito consiste toda a arte, que prometi, de nunca estar triste. Homem triste: se a tristeza não te tirou ainda o uso da razão, pergunta-te a ti mesmo para onde vais, *quo vadis*? E esta consideração em qualquer caso ou estado da vida, por triste que seja, não só te servirá de consolação, de alívio, e de remédio, mas te livrará para sempre de toda a tristeza.

Isto é o que digo. E isto suposto, saibamos agora para onde íamos todos, e cada um de nós? Sendo coisa muito sabida, posto que em parte a vemos, e em parte não, o Espírito Santo no-la mandou advertir por boca de Salomão no capítulo doze do Eclesiastes: *Revertatur pulvis in terram suam, unde erat, et spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum* (Eccl., XII, 7). O homem, posto que seja um, é composto de duas partes muito diversas – alma e corpo; e o caminho que fazem estas duas partes, é tornar cada uma para de onde veio. O corpo, que veio da terra, torna para a terra, e para a sepultura: *Revertatur pulvis in terram suam, unde erat*: a alma, que veio de Deus, torna para Deus, e para o céu: *Et spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum*. Por esta razão disse S. Cipriano alegado por Santo Agostinho: *Cum corpus à terra, spiritum é caelo possideamus, ipsi terra, et caelum sumus*. Sendo certo (dizem estes dois grandes lumes da África) que as duas partes de que somos compostos, uma a recebemos da terra, outra do céu, daqui se segue que pelo princípio de onde viemos, e pelo fim para onde caminhamos, também nós somos céu e terra. Até os Gentios menos bárbaros conheceram estes dois caminhos, que todos fazemos. Assim o disse, como refere Plutarco, o famoso poeta Epicarmo naqueles versos:

Concretus est, ac discretus, et rursus abiit unde venerat,
Terra, quidem in terram, spiritus ad superos.

Quer dizer: Nesta vida andam unidas no homem aquelas duas partes que depois se hão de dividir, e tornar cada uma para de onde veio; a terra para a terra, a alma para o céu.

Pergunte agora o homem a seu corpo: Corpo meu, para onde vais? *Quo vadis?* Pergunte o homem à sua alma: Alma minha, para onde vais? *Quo vadis?* E como o corpo com a evidência dos olhos há de responder que vai para a sepultura; e a alma com a certeza da fé há de confessar que vai para o céu; à luz deste conhecimento, tão claro e tão forte, não haverá nuvem de tristeza tão espessa e tão escura, que totalmente se não desfaça e desvaneça. Não dissemos há pouco no primeiro discurso, que a tristeza não só atormenta e mata o corpo, senão também a alma? Pois este é o antídoto invencível, que o corpo e alma têm contra aquele veneno duas vezes mortal; e esta a arte fácil e breve, com que o homem se livrará infalivelmente de toda a tristeza, só com perguntar ao mesmo corpo, e à mesma alma, para onde vão: *Quo vadis?*

VI

Não só tenho proposto, senão também dividido este segundo discurso, como o primeiro, em duas partes: uma pertencente ao corpo, outra à alma. E começando pelo corpo, se o homem lhe perguntar para onde vai, *quo vadis*, e ele responder, que vai para a sepultura; que homem haverá tão cego, que havendo de cair o mesmo corpo naquela cova, não caia ele em si, e não caia na razão, que tem para não estar triste?

Morta Sara, comprou Abrahão duas sepulturas (covas lhes chama a Escritura, *Speluncam duplicem*) (Gen., XXIII, 9) uma para ela, outra para si. E notam aqui os versados na mesma Escritura, que desde então Deus, que muito freqüentemente aparecia, e falava com Abrahão, nunca mais lhe apareceu. Assim o podem ver todos os que lerem os capítulos 23 e 24 do Gênesis. E verdadeiramente que nunca parece teve Abrahão maior necessidade destas aparições e visitas de Deus, que na falta daquela tão fiel companhia de suas peregrinações, para consolação da sua soledade e saudades, e para alívio das tristezas, que, padecidas só por só, são dobradas. Que razão teria logo Deus, cujas razões são altíssimas, para sobre aquele primeiro golpe acrescentar este segundo a um varão tão benemérito da sua casa, e tão favorecido seu? Na vida de Sara, tinha Abrahão com quem partir os cuidados e os desgostos; nas aparições de Deus, tinha com que desterrar do coração e dissipar as tristezas, assim como ao

aparecer dos raios do sol se dissipam e fogem as trevas. Diremos, pois, que escondida Sara debaixo da terra, e escondido também Deus no seu retiro, ficou menos assistido Abrahão do amor e providência divina, sem estes dois socorros? Não, respondem os mesmos observadores do caso. Porque Abrahão no mesmo tempo em que fechou a sepultura a Sara, abriu e aparelhou a sua; e um homem com juízo e com a sepultura à vista, é tão superior a tudo o que neste mundo faz tristes aos outros, que para vencer as tristezas, nem necessita de alívios da terra, nem de visões do céu. Um homem que se pergunta a si mesmo, para onde vai, *quo vadis*; e vê que com os passos do tempo, que nunca pára, vai sempre caminhando para a sepultura; ou já deixa detrás das costas, ou mete debaixo dos pés tudo o que costuma entristecer aos que isto não consideram. Na sepultura para onde caminhamos, o que depois se há de enterrar é o próprio corpo; e o que desde logo fica sepultado, é tudo o que neste mundo pode causar tristeza.

Oh quantas lágrimas se choram, e quantas lamentações se ouvem, porque não há quem ponha os olhos neste caminho inevitável, e se pergunte: *Quo vadis?* A uns come por dentro a tristeza, porque se vêem pobres; a outros rói a inveja, porque põem ou lhes leva os olhos a abundância dos ricos; e se uns e outros tiveram juízo, e se perguntaram para onde vão, tampouco haviam de chorar uns o que lhes falta, como estimar os outros o que lhes sobeja. Vede quão poderosas são, contra estes dois afetos, as sepulturas alheias, quanto mais a própria. Na última praga do Egito disse Deus a Moisés, que ele daria tal graça ao seu povo com os mesmos egípcios, que toda a prata e ouro, e jóias e vestidos preciosos que tivessem lhes fariam, e desta sorte sairiam daquele cativeiro ricos com os despojos dos mesmos de que eram escravos: *Daboque gratiam populo huic coram AEgyptiis, et cum egrediemini non exhibitis vacui: sed postulabit mulier à vicina sua, et ab hospita sua, vasa argentea, et aurea, ac vestes, ponestique eas super filios, et filias vestras, et spoliabitis AEgyptum* (Exod., III, 21 e 22). Esta foi a promessa divina, a qual se cumpriu com tanta pontualidade e largueza, que não houve em todo o Egito quem repugnasse a entregar aos seus escravos e escravas, quanto possuíam de preço, sem reparar no que tão facilmente se podia presumir de uma gente de que eles tanto se temiam. Não eram estes egípcios os que para mais oprimir e dominar os hebreus ontem lhes negavam as palhas que lhes pediam para seu serviço? Pois como agora duvidam em lhes meter nas mãos a sua prata, o seu ouro, e quanto tem de rico e precioso? Notai, diz excelentemente Lyran, o tempo e ocasião em que isso sucedeu, e achareis a causa de uma tão notável desatenção: *Quia AEgyptii erant intenti ad sepeliendos mortuos suos, quia nulla erat domus AEgyptii, in qua non jaceret mortuus* (Lyr., ibid.). Naquela ocasião não havia casa em todo o Egito, em que não houvesse algum morto, e como todos estavam atentos a sepultar os seus defuntos: *Intenti ad sepeliendos mortuos suos;* esta atenção das sepulturas lhes tirou de tal maneira a das próprias riquezas, que

ninguém reparou no ouro, na prata, e no demais, deixando levar tudo sem cautela aos domésticos inimigos, que não o haviam de restituir.

Este mesmo pensamento se confirma com grande energia, não passando, como vejo passar, sem reparo, uma palavra do mesmo Texto, digna para comigo de muito particular ponderação. Mandou dizer Deus ao povo, que lhe daria graça com os egípcios: *Dabo populo huic gratiam coram AEgyptiis*. E que graça foi esta, ou em que consistiu? Explicando-a teologicamente se entenderá bem. A graça, e seus auxílios, ou são suficientes somente, ou eficazes: os suficientes bastam, mas não têm efeito: os eficazes têm o seu efeito certo e infalível, e por meio deles se consegue o fim para que foram dados. Em que consiste, porém, e de que depende esta eficácia? Consiste e depende de a mesma graça e seus auxílios se darem em tal oportunidade de tempo, e suas circunstâncias, e em tal disposição do sujeito, que o seu livre alvedrio os aceite e use deles. Por isso S. Paulo chamou a esta graça, e seus auxílios, auxílios oportunos: *Ut gratiam inveniamus in auxilii opportuno* (Hebr., IV, 16). E da mesma oportunidade, que é a do tempo, tinha falado David, quando disse: *Orabit as te omnis sanctus in tempore opportuno* (Psal., XXXI, 6). De sorte que antevê Deus o tempo oportuno ou não oportuno, acomodado ou não acomodado, em que o sujeito, segundo as suas disposições, ou há de rejeitar ou aceitar os auxílios da graça: e quando eles são dados na oportunidade desta disposição antevista por Deus, então são eficazes, e têm infalível efeito, como o teve a graça prometida e dada aos hebreus: *Dabo populo huic gratiam*. E qual foi a oportunidade de que dependia a eficácia e efeito da mesma graça? Foi a oportunidade do tempo, em que eles tinham posto toda a sua atenção e cuidado nas sepulturas dos seus defuntos: *Attenti ad sepeliendos mortuos suos*; e por isso não atenderam, nem fizeram caso de entregar o ouro, a prata, e tudo o precioso do Egito aos hebreus. Se fora antes deste tempo, e desta ocasião, ainda que fossem palhas as que pedissem a seus senhores, mandá-los-iam castigar como escravos, e assim o fez Faraó; mas como estavam com as mortalhas dos defuntos nas mãos, e as sepulturas diante dos olhos, por isso os olhos foram tão desatentos, e as mãos tão liberais, que de tudo o que mais prezavam se esqueceram e não fizeram caso: *Dabo populo huic gratiam, et spoliabitis AEgyptum*.

VII

Se bem considerarmos as causas (que lhes não quero chamar razões) porque os queixosos da sua fortuna vivem tristes, e se lhes faz triste a vida, acharemos que principalmente são, não poderem gozar os dois mais saborosos frutos das

mesmas riquezas de que os egípcios ficaram despojados. E quais foram estas? As suas baixelas, e as suas jóias e galas: *Vasa áurea, et argentea, et vestes.* As baixelas pertenciam à mesa, as galas ao vestido; e estes são os dois excessos em que a parte irracional do homem, que é o corpo, ou regala o apetite próprio por dentro, ou se ostenta aos olhos alheios por fora. O comer e o vestir são duas coisas, sem as quais se não pode viver, em que têm grande batalha no homem a moderação do necessário, e a intemperança do supérfluo. Desta intemperança em um e outro apetite foi famoso exemplo (ou escândalo) neste mundo aquele rico a quem se não sabe o nome, por ser indigno de o ter, do qual diz o Evangelho, que o seu traje eram púrpuras e holandas, e a sua mesa perpétuos e esplêndidos banquetes: *Induebatur purpura, et byssō: et epulabatur quotidie splendidē* (Luc., XVI, 19). O mesmo Evangelho diz que depois desta vida tão regalada nas delícias do tato, como do gosto, foi sepultado no inferno o mesmo rico: *Sepultus est dives in inferno* (ibid., 22). Mas se ele tivera juízo, não lhe era necessário para se moderar em um e outro apetite ir buscar a sepultura ao centro da terra: bastam as dos que ela recebe em sete pés de comprimento, e cobre com quatro de alto.

Caminhando Jacob da sua pátria para Mesopotâmia, no meio desta peregrinação fez um voto particular a Deus, para que sua providência se dignasse de o assistir, dando-lhe nomeadamente pão para comer e pano para vestir: *Panem ad vescendum, et vestimentum ad induendum* (Gen., XXVIII, 20). Por certo que nem da parte de Deus, nem da sua, parece se devera contentar Jacob com tão pouco. Da parte de Deus não; porque era tão favorecedor daquela família, que se chamava Deus de seu avô, Deus de seu pai, e Deus seu: *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob* (Exod., III, 6): e da parte do mesmo Jacob também não; porque a mesa e guarda-roupa da casa de seu pai era muito nobre; e bem lembrado estava ele que as peles de que sua mãe lhe cortou as luvas eram de duas crias as mais mimosas do monte para um só guisado, e as roupas com que fez a figura de seu irmão, não pouco preciosas: *Vestibus Esaú valde bonis* (Gen., XXVII, 15). Pois se Jacob estava acostumado a viver com tão diferente largueza em uma e outra comunidade, e tinha a Deus com as mãos abertas; por que se contenta com tão pouco? Porque naquela peregrinação caminhava com a sepultura diante dos olhos. Ofendido Esaú de lhe ter Jacob furtado a bênção, resolveu-se a lhe tirar a vida: *Occidam Jacob fratrem meum* (Gen., XXVII, 41). Por isso lhe aconselhou a mãe que fugisse; e esta sua peregrinação verdadeiramente era fugida, porque Esaú o não matasse. Suposto, pois, que fugia, parecerá que deixava a morte e a sepultura detrás das costas; mas o certo é que ninguém a levou nunca mais diante dos olhos: e um homem com a morte e sepultura diante dos olhos, não é muito que nem a pedir, nem a desejar se atrevesse mais que o necessário e preciso para viver, ou para não morrer. A fome e o frio, com o medo e apreensão dos passos que levava, se lhe moderaram, compuseram, e acomodaram de tal sorte, que a

fome para comer se contentava com pão seco, e o frio para se cobrir, com pano de qualquer estofa: *Panem ad vescendum et vestimentum ad induendum*.

Parece-me que ou Jacob neste passo se revestiu profeticamente do espírito de S. Paulo, ou S. Paulo tantos séculos depois histórica e exemplarmente do de Jacob: *Habentes alimenta, et quibus tegamur, his contenti sumus* (1 Timoth., VI, 8). Com que tenhamos o que baste para sustentar e cobrir o corpo, teremos também o que basta para estar contente, escreve o Apóstolo a Timóteo. E S. Jeronymo comentando este Texto, e contrapondo a largueza e abundância dos ricos, à estreiteza e moderação dos pobres no mesmo vestir e comer, filosofa assim elegantemente: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus; et propter quae divitiae comparantur, vilibus mutare cibis, et crassiore tunica compensare* (Jeron. In hunc locum Pauli). Não cuidem as galas e gulas dos ricos, diz o Doutor Maximo, que carecem os pobres do que eles gozam; porque tudo o que eles alardeiam com largueza no seu muito, logram compensado os pobres, e abreviado no seu pouco: os ricos e vãos nas galas; eles no vestido grosseiro, *crassiore tunica*: os ricos e vãos nos regalos; eles no mantimento vil, *vilibus cibis*. E que se segue daqui? Segue-se que o contentamento e alegria que a riqueza e vaidade pretende, só a pobreza sisuda o alcança, e muito maior: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum havere sub pedibus*. Deixo de ponderar estas últimas palavras; só digo que para quem caminha para a sepultura, levar o mundo debaixo dos pés, mais é triunfo que enterro, posto que mal banqueteado e mal vestido.

VIII

E porque até agora falamos com estes dois apetites juntos persuadindo-os a que se contentem com o seu pouco; ouçamos também cada um de por si, pois são de tão diferente natureza, que se não podem sujeitar à mesma razão, nem domar com o mesmo freio. Ao que pode entristecer o corpo por se ver menos nobremente trajado, que diremos? De novo, nada; porque nos não havemos de divertir do nosso caminho. Mas que se lembre bem do *quo vadis*, e seja pela boca de Job. Quando a Job, tão liberalmente herdado dos bens da fortuna, lhe chegaram uma sobre outra as novas de os ter perdido todos em um só dia; que é o que fez, e o que disse? O que fez foi rasgar as vestiduras: *Scidit vestimenta sua* (Job., I, 20); e o que disse, foram estas palavras: *Nudus egressus sum de utero matris meae, et nudus revertar illuc* (ibid., 21). Nu saí do ventre da minha primeira mãe, e nu tornarei para o ventre da segunda, que é a terra. Aquele *revertar illuc*, responde ao nosso *quo vadis*. Apelou Job da fortuna para a natureza, como se dissera rasgando as vestiduras: Já que a fortuna me tirou hoje tudo o que me tinha dado

ou emprestado, como se eu neste jogo, tão propriamente seu, não perdera, mas ganhara, até isto, que só me deixou para me cobrir, lhe quero dar de barato. E quem quando vai para a sepultura se contenta com a pele: *Et nudus revertar illuc, vede se o podem fazer triste a falta das galas.* Mas não vamos buscar este desengano à terra de Hus.

Adoeceram na nossa terra ou um mancebo tão prezado da gentileza como Absalão, ou uma dama de tão celebrada formosura como Rachel, e tão requestada por ela como Helena: e chegados ambos à última desconfiança da vida, na primeira cláusula do testamento, depois da protestação da fé, diz cada um que seu corpo seja sepultado no hábito de S. Francisco. Isto que pelo costume se não estranha, verdadeiramente é digno de grande admiração. Não éreis vós (um e outra) os que tanto vos prezáveis das galas, os que gastáveis as telas, os que inventáveis os bordados, os que empregáveis em um jóia quanto tínheis, e talvez o que não tínheis? Pois como agora vos mandais vestir com tanta diferença, e vos contentais com um hábito de burel, e esse remendado? Porque agora íamos para a sepultura. Agora, dizem, e dizem o que cuidavam; porque antes não sabiam para onde iam. Oh miséria! Oh cegueira! Oh engano da vaidade e ignorância humana! Cuidamos que só íamos para a sepultura, quando em ombros alheios somos levados a ela; e não acabamos de entender que desde a hora em que nascemos, começamos este mesmo caminho. Se a um recém-nascido, quando sai do ventre da mãe, lhe perguntasse: *Quo vadis?*: menino que agora entrastes no mundo, para onde ides? É sem dúvida que se ele tivesse já uso de razão, e falta para responder, responderia com as palavras de Job: *De útero ad tumulum* (Job., X, 19). Desde a hora de meu nascimento vou caminhando para a sepultura: e estas faixas são a minha primeira mortalha. Desenganemo-nos os mortais, que todo este que chamamos curso da vida, não é outra coisa senão o enterro de cada um; por sinal que quanto mais pompa mais cruzes.

Pois se estas hão de ser as galas da última jornada da vida, por que não nos contentaremos que sejam menos vãs as de toda ela? Gloriam-se tanto das galas os perdidos por esta vaidade, que até o mesmo Cristo, falando das de Salomão, lhes chamou a sua gloria: *Nec Salomon in omni gloria sua* (Math., VI, 29). E esta glória há de descer com eles à sepultura? Não: *Quoniam cum interiorit, non sumet omnia, nec, descendet cum eo gloria ejus* (Psal., XLVIII, 18). Pois por que nos há de levar tanto após si o que cá há de ficar, e não nos acomodaremos desde logo ao que só havemos de levar conosco? Aquele grande Soldão do Egito, o famoso Saladino, estando para morrer, mandou levar por todo o seu exército a mortalha em que havia de ser sepultado, na ponta de uma lança, com um pregão que dizia: “De tudo quanto adquiriu Saladino, isto é o que só há de levar deste mundo”. Ditosos os soldados que então se resolvessem a despir a cota, e militar debaixo daquela bandeira! O imperador Carlos V, antecipando o mesmo

desengano, trazia sempre consigo a sua mortalha. Por isso tomou aquela valente resolução, maior que todas suas vitórias, de se sepultar em Juste, e acabar a vida antes da morte. Melhor o fazem ainda os que todos os dias, quando se vestem, de tal modo se compõem do pé até a cabeça com o espelho da sepultura diante dos olhos, como se o vestido fora a mortalha, com que hão de ser levados a ela. Este é o traje dos desertos e claustros religiosos, em que todos os que professamos servir a Deus, o mesmo hábito que vestimos, é a mortalha em que havemos de ser sepultados. O mundo, errado, julga este traje por triste; mas nós em confiança dele nunca tristes, e sempre contentes: *Quasi tristes, semper austem gaudentes* (2^a ad Cor., VI, 10).

IX

Se a consideração da sepultura, e a nossa pergunta *Quo vadis*, é tão eficaz para persuadir sem tristeza a forçosa pobreza das roupas; para a fazer tolerável na mais sensível da mesa, não é menor a sua eficácia. Queixa-se da sua fortuna o pobre, porque sendo tão liberal com os ricos, com ele seja tão avara, que apenas para comer lhe conceda, com o suor do seu rosto, um pedaço de pão. E eu antes de passar ao nosso remédio, não só quero reparar no pão, senão no mesmo pedaço, que o faz queixoso e triste. Perto de cem anos havia que o primeiro ermitão, S. Paulo, vivia em uma cova, quando nela o visitou o grande Antônio, a quem nós, para significar a sua grandeza, chamamos Antão. Depois de se saudarem sós, chegou um corvo com um pão no bico, e o pôs entre os dois. Admirou-se o hóspede, e o habitador da cova lhe disse: “Hás de saber, irmão Antônio, que de muitos anos a esta parte, depois que me foram desfalecendo as primeiras forças, por este corvo me manda Deus todos os dias meio pão; e agora porque somos dois, dobrou o Senhor a ração a seus servos, e por isso nos mandou o pão inteiro”. Quem não pasmará que este jantar para os dois maiores homens que Deus tinha no mundo, fosse mandado da sua mesa? É possível que a proveniência, a grandeza, a magnificência de Deus a Paulo sustenta cada dia com meio pão, e a Paulo e Antônio com um pão? E é possível que um homem com fé não estime e se glorie muito de que às duas metades de pão de Paulo e Antônio, se junte também o pedaço do seu, sendo ele em tal companhia o terceiro convidado de Deus? Não há dúvida que se és cristão, nunca a tua ambição e cobiça podia aspirar a maior fortuna que esta a que te tem levantado a tua própria pobreza, igualando-te não aos príncipes das cento e dezessete províncias no banquete de Assuero, mas aos dois maiores amigos e favorecidos que tem no mundo o supremo Senhor de todo ele. Vê agora quão enganosa é a tua tristeza, e tu quão enganadamente queixoso da tua fortuna.

Mas porque não coides que te quero consolar por outro caminho, responde-me: Para onde vais? *Quo vadis?* Vais para a sepultura? Sim: e todos os mais ricos e abundantes do mundo para onde vão? Para a sepultura também. Dá, pois, muitas graças à estreiteza da tua mesa, e ao teu pouco pão; porque sendo certo que todos hão de chegar à sepultura sem nenhum remédio; só tu por comer menos chegarás à sepultura mais tarde, e só tu por comer menos, serás nela menos comido. A natureza fez o comer para o viver, e a gula fez o comer muito para o viver pouco. De certos homens da casta daqueles de quem dizia Sócrates, que não comiam para viver, mas só viviam para comer, conta a Sagrada Escritura, que exortando-se de comum consentimento, diziam: *Comedamus, et bibamus, cras enim moriemur* (Isai., XXII, 13): Comamos e bebamos, porque amanhã havemos de morrer. A consequência era tão bárbara e brutal como quem a inferia. Mas que fundamento tinham estes homens ou estes brutos, para prognosticar que ao outro haviam de morrer? O mesmo que eles diziam: *Comedamus et bibamus.* Das demasiais da sua gula, inferiam a brevidade da sua vida. O dia dos banquetes era a véspera do dia da morte. A gula havia de cantar as vésperas de hoje, e a morte as havia de chorar amanhã: *Cras enim moriemur.* Não alego Hipócrates nem Galeno, que assim definem esta brevidade; porque não são necessários os aforismos da sua arte, onde temos os da nossa experiência. Das intemperanças do comer, por mais que o tempere a gula, nascem as crueldades; das cruezas, a confusão e discórdia dos humores, dos humores discordes e descompostos as doenças; e das doenças a morte. Suposto, pois, que todos havemos de morrer, e todos iremos para a sepultura, o maior favor que Deus pode conceder a um mortal, é que morra e chegue lá mais tarde. E este é o primeiro privilégio dos pobres, a quem a Providência Divina quanto nega de abundância e regalo, tanto acrescenta de vida.

Ouçam os abundantes e regalados, o que sobre isto ensina a verdade daquele Senhor, que o é da vida e da morte: *Ômnis potentatus vita brevis* (Eccl., X, 11). Outra versão em lugar de *vita*, lê *via*: e tudo é o mesmo; porque a vida que vivemos, é a via com que caminhamos para a sepultura, e o termo do nosso *Quo vadis?* Qual é logo a razão, por que a vida e a via dos poderosos e ricos é breve, e faz Deus esta diferença entre os ricos e os pobres? Porque os ricos e poderosos dão muita matéria à gula; os pobres, ainda que queiram, não podem. Santo Agostinho dava graças a Deus por lhe haver ensinado que usasse dos alimentos como das medicinas: *Hoc me docuistit ut quemadmodum ad medicamenta, sic ad alimenta sumpturus accederem* (August. Confess. C. 31). De sorte que aquilo sem que não podemos viver, é o mesmo que os mata, tomado sem medida. E como o alimento tomado sem medida é o veneno da vida, e com medida o medicamento dela; esta é a desgraça não conhecida dos ricos, e a ventura também mal-entendida dos pobres. A vida e a via de uns e outros, igualmente caminha para o

mesmo termo, que é a sepultura; mas os passos não são iguais. Porque como a abundância e gula dos ricos é o seu veneno, e a estreiteza e abstinência dos pobres o seu medicamento; os ricos chegam à sepultura, como S. João à de Cristo, primeiro e mais depressa; e os pobres, como S. Pedro, mais devagar, e mais tarde.

E depois de chegados uns e outros à sepultura, têm também dentro nela alguma diferença? Sim; e muito grande, que é o segundo privilégio dos pobres. A gula assim como ceva as aves, para que as comam os homens, assim ceva os homens, para que os comam os bichos. Miserável condição da nossa carne, comer para ser comida! Por isso diz o provérbio dos hebreus: *Qui multiplicat vermes*. Os corpos dos ricos, cheios e anafados, são o banquete dos bichos; os dos pobres, secos e postos nos ossos, são o seu jejum. Que bem se viu isto naquele em que o pobre Lazaro e o rico avarento foram à sepultura! O rico, em sepulcro de mármores, banqueteando esplendidamente os bichos, como ele costumava consigo; e o pobre, que nem as migalhas que lhe caíam da mesa tinha para se sustentar, sepultado na terra nua; mas não tendo a mesma terra que comer nele. Diz S. Paulo aos Coríntios: *Esca ventri, et vender escis* (1º ad Cor., VI, 13): O comer para o ventre, e o ventre para o comer. S. Paulo não dizia trocados; qual é logo o sentido e comentários destas palavras, que o parecem? *Esca ventri, id est, hominis: venter escis, id est, vermium*. Os regalos esquisitos trazidos de tão longe com tantos perigos, comprados com tanto preço, guisados com tantos artifícios, são para o ventre do homem: e esse ventre assim regalado, assim mimoso, e assim custoso, para quem é? Para o comerem os bichos. Por isso primeiro diz: *Esca ventri*, e depois: *Venter escis*; porque o que na vida é regalo para um, na sepultura é pasto para tantos. Até no maná que cai do céu, o supérfluo que excedia o precioso, se convertia em bichos: e este é o paradeiro das superfluidades dos ricos. Considere, pois, o rico e o pobre para onde vão: *Quo vadis?* Para que o rico modere a sua abundância, e o pobre se componha com a sua moderação. E porque o pobre e o rico (e o rico mais apressadamente que o pobre) todos iremos parar ali, lamentem-se os ricos da sua riqueza, e das suas galas e regalos: sejam os pobres os contentes, e eles os tristes. E paguem com a tristeza a fraqueza dos seus corações: *Tristitia implevit cor vestrum*.

X

Já perguntamos ao corpo: *Quo vadis?* Para onde ia? E nos respondeu por boca do Espírito Santo, que para a sepultura. Agora faremos à alma a mesma pergunta, e responderá por boca do mesmo Oráculo divino, como também vimos,

que vai para o céu. Pois assim como o corpo achou remédio da sua tristeza no seu *Quo vadis*, assim e muito melhor achará a alma o remédio das suas no seu, quando vai do céu à terra.

Se houve alma triste neste mundo foi a de David, à qual ele tantas vezes perguntou pela causa de sua tristeza: *Quare tristis es anima mea?* (Psalm., XLI, 6). E como a alma lhe não respondesse, porque as causas deviam pertencer mais à parte sensitiva que a racional; resolveu-se ele a fazer a pergunta ao todo, como composto de ambas, e falando consigo mesmo, diz assim no Psalmo 42: *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?* (ibid., XLII, 2). Por que ando eu triste, quando me afligem meus inimigos? Notável modo de perguntar! Isto é pergunta ou resposta, ou pergunta e resposta juntamente? Se perguntardes porque andais triste, e dizeis que vos afligem vossos inimigos; isto é dar a causa, e pedi-la. Que maior e mais justa causa de andar um homem triste, que se ver aflijir de seus inimigos, e mais quando mão merece a inimizade nem a aflição? David era um homem de tão bom coração, que o comparou Deus com o seu. E tendo tantas outras virtudes, nenhuma era mais eminente nele que a mansidão: *Memento, Domine, David, et omnis mansuetudinis ejus* (ibid., CXXXI, 1). Contudo, ninguém padeceu maiores ódios e perseguições, e ninguém teve mais e maiores inimigos. O primeiro e principal era Saul, com que vinha a ter contra si o rei e toda a Corte. O mesmo David diz que eram tantos os seus inimigos, que com ele não ser fácil de derrubar, com a multidão o tinham metido debaixo dos pés: *Conculcaverunt me inimici mei: quoniam multi bellantes adversum me* (Psalm., LV, 3). Diz que eram tão injustos, que prevalecendo violentamente contra a sua justiça, lhe faziam pegar o que não devia: *Confortati sunt qui persecuti sunt me inimici mei injustè: quae non rapui, tunc exolveban* (Ibid., LXVIII, 5): Que eram tão traidores, que os mesmos que tinham obrigação de o defender, se uniam em conselhos para o destruir: *Dixerunt inimici mei mihi: et qui custodiebant animam meam, consilium fecerunt in unum* (ibid., LXX, 10): Que eram tão raivosos, que como cães danados, não só o mordiam, mas lhe quebravam os ossos: *Dum confringuntur ossa mea, reprobraverunt mihi inimici mei* (ibid., XLI, 11). Que eram por uma parte tão pertinazes, que de pela manhã até a noite o estavam caluniando: *Tota die reprobrabant mihi inimici mei* (ibid., CI, 9), e por outra tão fingidos, que em presença o louvavam, e voltando as costas, juravam contra ele: *Et qui laudabant me, adversum me jurabant* (ibid.). Finalmente, tão astutos, tão duros, tão fechados na sua impiedade, e tão soberbos, que chegaram a lhe pôr de cerco à própria alma: *Inimici mei animam meam circumdederunt, adipem, suum concluserunt: os eorum locutum est superbiam* (ibid., XVI, 9 e 10).

Todas estas causas, tantas e tão fortes, tinha David para andar triste, nem ele as ignorava, ou eram outras; porque quando disse: *Tristis incedo*, logo acrescentou: *Dum affligit me inimicus*; e quando perguntava: *Quare?* não era por

duvidar das causas da aflição e tristeza, mas porque ignorava e não sabia atinar com o remédio. E que faria, não como rei e como político, senão como profeta, e como santo? O que fez imediatamente no verso seguinte foi recorrer a Deus, pedindo-lhe o socorresse naquela perplexidade com a sua luz, e com a sua verdade: *Emitte lucem tuam, et veritatem tuam* (Psalm., XLI, 3): com sua luz, que o alumiasse no profundíssimo e escuríssimo abismo da tristeza em que estava; e com sua verdade, que desfizesse as falsidades e calúnias, com que seus inimigos o perseguiram. Assim orou, e assim o socorreu Deus prontíssimamente – com a luz e verdade que pedia, mas não com remédio que o livrasse das perseguições, senão com outro mais alto e sublime, que o livrou da tristeza que elas lhe causavam. E qual foi? O mesmo David o diz também imediatamente no mesmo verso: *Ipsa me deduxerunt, et adduxerunt in montem sanctum tuum, et in tabernacula tua* (*Montem sanctum, aest Caekum*, glosa Hugo). A mesma luz e verdade, Senhor, que vos pedi, me guiaram e levaram a que levantasse os olhos, e os pusesse no vosso monte santo, que é o céu, e nessa corte bem-aventurada, onde tendes as vossas moradas eternas. Oh luz e verdade divina! A causa de andarmos tristes nos trabalhos, nas perseguições, e nas outras misérias, ou naturais ou violentas desta vida, é porque somos cegos, e não vemos esta luz; é porque somos ignorantes, e não conhecemos esta verdade. Como se dissera Deus a David: Dizes que andas triste: *Tristis incedo?* (Psalm., XXXVII, 17). Pois olha para esses mesmos teus passos (que tu dizes observam teus inimigos para te caluniarem: *Dum commoventur pedes mei, super me magna locuti sunt*, olha para esses mesmos teus passos, conhece que com eles vais caminhando para o céu (e a tanto mais largas jornadas, quanto os trabalhos e perseguições forem maiores); e logo pisarás as mesmas tristezas que te molestam e afligem, e as meterás debaixo dos pés. Assim o conheceu e experimentou o já não triste David, mas animado e contente; e com as mesmas palavras que antes, mas com muito diferente energia, tornou logo no mesmo Psalmo a perguntar à sua alma: *Quare tristis es anima mea?* E bem, alma minha, depois desta nova luz, e desta nova verdade estarás ainda triste? Não sabes que as tempestades em popa levam mais depressa ao porto? Se o teu porto é o céu, caminhando para lá, que te pode entristecer na terra? Porventura o tempo, que lá se chama eternidade? Os trabalhos, que lá se medem com o descanso? As penas, que lá se convertem em glórias? As perseguições, que lá são palmas? As calúnias, que lá são coroas? As línguas maldizentes dos homens, que lá são louvores da boca de Deus? *Quare, quare tristis es anima mea?*

XI

As almas tristes, a umas perturba-as a sua tristeza por dentro: *Quare tristis es anima mea, et quare conturbas me?* A outras as aflige a mesma tristeza por fora: *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?* E toda a causa do que padecem, é porque são mudas e cegas. Uma alma muda não se pergunta a si mesma para onde vai: *Quo vadis?* E cega não olha para o Norte sempre seguro e firme, que desde o céu lhe guia os passos na terra. Eis aqui porque há tantas almas desconsoladas e tristes: eis aqui porque andam tantos corações rebentando de melancolia: *Tristitia implevit cor vestrum.* Entendam essas almas que são almas, e que o fim para que foram criadas, e para onde caminham, é o céu; e logo as não poderá entristecer qualquer fortuna da terra, por mais adversa e temerosa que seja, e mais triste que pareça. A maior e mais penetrante tristeza que padeceu alguma alma jamais, foi a de Cristo Redentor nosso no Horto, tão penetrante, e tão terrível, que lhe fez suar sangue, e bastaria a lhe tirar a vida: *Tristis et anima mea usque ad mortem* (Math., XXVI, 38). O remédio milagroso que teve esta tristeza, foi mandar Deus do céu um anjo, que viesse consolar e confortar a seu Filho, que para nosso exemplo permitiu que os afetos naturais obrassem ou executassem em sua humanidade santíssima tudo o que podem nas outras. Desceu o Anjo, prostrou-se de joelhos ante o acatamento do seu quanto mais angustiado mais venerável monarca, ressuscitou-lhe o ânimo, confortou-lhe o desmaio, desterrou-lhe do coração a tristeza: mas com que razões, ou motivos? Estava o Senhor inclinado sobre a terra: *Procidit in faciem* (ibid.); rogou-lhe humildemente quisesse levantar os olhos ao céu, e detê-los um pouco na mesma vista. Sobre aquele pavimento de estrelas, ó Príncipe do firmamento (disse então o Anjo) se levanta o imenso palácio de vosso Pai: no lugar mais eminente dele vos está já aparelhado o trono em que haveis de estar sentados à sua direita: dos tormentos que agora vos causam tanto horror, a cada momento de pena sucederá uma eternidade de glórias: a cruz será o famoso troféu com que no dia do Juízo saireis triunfante a julgar o mundo: dos espinhos da cabeça se vos tecerá a nova coroa imperial de Redentor dos homens, e monarca universal de homens e anjos: os dois cravos que vos abrirem as mãos serão duas trombetas de bronze imortal que publiquem, sem jamais cessar, as vossas façanhas: dos que vos rasgarão os pés se formarão as cadeias, que renderão e trarão a eles a adoração de todas as gentes: na grande brecha, com que o golpe de lança vos penetrará o peito, se desafogará o imenso amor de vosso coração. Mais ia a dizer o Anjo, quando o Senhor já em pé, não só com passos animosos, mas com semblante alegre e forte, ia a receber o encontro das cortes armadas de seus inimigos. E não é menos que S. Thomaz quem assim o afirma, glosando a palavra *confortans*, com estas: *Proposito sibi gaudio aeternae vitae pro praemio.* O que se há de entender, não

da glória essencial, mas dos muitos títulos gloriosos, a que pela morte de cruz foi exaltado Crísto, e goza eternamente no céu.

As palavras de S. Thomaz foram trasladadas da pena de S. Paulo, e as de S. Paulo, por revelação particular, resumidas da boca do Anjo. Onde se deve muito notar a propriedade teológica daquele termo *Proposito sibi*: porque, como doutamente comenta Caetano, o Anjo só podia, confortar a Cristo propondo. E verdadeiramente a revelação deste segredo, não só era necessária, mas de suma consolação e remédio para todos os que com grandes causas, ou se vêem tentados da tristeza, ou já vencidos. Aquele homem, cuja alma estava com tal excesso triste, que bastaria para lhe tirar a vida, com o temor e apreensão terrível dos tormentos, dores e afrontas que do Horto ao Calvário lhe estavam aparelhadas, não só era Homem, mas Deus: e que razões e motivos podia excogitar o entendimento de um anjo para confortar e consolar a tristeza de um Homem-Deus, e para esse homem com a sabedoria e entendimento de Deus se persuadir e deixar convencer delas? Foram, ou foi só, diz S. Paulo, a consideração dos prêmios do céu tão vivamente representada, como só podia fazer quem descia dele. Com nenhum outro encarecimento se viu nunca o céu tão acreditado, nem a força do argumento *quo vadis* tão encarecida. O caminho do Horto até o Calvário era o mais repugnante à natureza humana, posto que unida à divina; o mais áspero, o mais cruel, o mais horrendo, o mais intolerável: o mais áspero, pela delicadeza do sujeito; o mais cruel, pela fereza dos inimigos; o mais horrendo, pelo rigor dos tormentos; o mais intolerável, pela infâmia das injúrias e afrontas. Mas com o céu à vista tudo facilitou a consideração somente do glorioso fim do mesmo caminho. Ponderemos as palavras do Apóstolo: *Qui proposito sibi gaudio sustinuit crucem, confusione contempta* (Hebr., XII, 2). O que o Anjo representou à sagrada humanidade agonizante e tristíssima, foram os gostos, que em lugar dos tormentos, e a exaltação e honras, que em lugar de afrontas no céu lhe estavam aparelhadas por prêmio: e este foi todo o aparato da pompa da Paixão, e os pressupostos valentes e animosos, com que o Senhor, de noite e de dia, por passos e estâncias, tão lastimosas e trágicas, desde o Horto chegou ao Calvário, até expirar nele. Olhemos para o Filho de Deus caminhando com a cruz às costas, e não só o veja o nosso espanto, e a nossa piedade por fora, mas muito mais a nossa fé por dentro. Diante dos olhos levava o premio do céu: *Proposito sibi gaudio*; debaixo dos pés pisava os despezos e as afrontas: *Confusione contempta*; e sobre os ombros sustentava o peso e tormentos da cruz: *Sustinuit crucem*.

Os tormentos e as afrontas eram os dois ingredientes terríveis de que se compunha a bebida do cálice, que tanto o mesmo Senhor repugnava no Horto: *Transeat à me calix iste* (Math., XXVI, 39): e sendo a mesma bebida de antes tão amarga, não duvida dizer e cantar a Igreja, que depois lhe foi ao Senhor muito

suave e doce: *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera.* A mesma doçura reconhece também a Igreja nas pedras de Santo Estevão: *Lapides torrentis illi dulces fuerunt.* De que modo, pois, e por que arte ao primeiro Mártir e muito mais ao Rei dos mártires, se lhe trocou o fel em mel, e a amargura, em doçura? Porque, ambos padeceram com o céu à vista: Cristo: *Proposito sibi gaudio;* Estevão: *Ecce video caelos apertos* (Act., VII, 55).

XII

Este é o modo, e esta a arte, ó almas, com que no meio dos maiores desgostos e trabalhos da vida podeis viver sem tristeza. Pergunte-se cada uma: *Quo vadis?* e respondendo que vai para o céu, logo como encantada destas duas palavras, fugirá e desaparecerá a tristeza. E se houver alguma alma tão mimosa, que diga ou cuide que também se pode ir ao céu sem padecer, respondo, que se engana. E por que? Porque quem fez o céu, fez também o caminho para ele. E qual é o caminho que ele fez? O do parecer, o dos trabalhos, o das adversidades, o das moléstias, o das tribulações. Assim o mandou o mesmo Deus publicar a todo mundo pelos seus Apóstolos com um pregão universal, que diz assim: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in Regnum Dei* (Act., XIV, 21): Quem quiser ir ao céu e ao reino de Deus, saiba que não pode entrar lá senão por muitas tribulações. Aquele *nos* é cláusula universal, que a ninguém exceta. Viu S. João no Apocalipse os que já tinham chegado ao céu, vestidos todos de glória, e com palmas nas mãos. E como um dos bem-aventurados lhe perguntasse, se sabia quem eram aqueles, e de onde tinham vindo: *Hi qui sunt? et unde venerunt?* (Apoc., VII, 13). Respondeu o Santo, que não sabia. Então o que lhe tinha feito a pergunta, só para lhe ensinar a resposta: Pois hás de saber (lhe disse) que estes são os que vieram da grande tribulação: *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna* (ibid., 14). Isto só disse, e parece que havia de dizer mais; porque a pergunta tinha duas partes: Quais são? E de onde vieram? Pois se lhe diz de onde vieram, por que lhe não diz também quem são? Sim; diz, e na primeira palavra: *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna:* estes são os que vieram da grande tribulação; e os que vieram da grande tribulação, estes são os que só viu S. João no céu. Lá no céu não se pergunta se vem dos Godos, como na Espanha; ou dos Borbões, como na França; ou dos Austríacos, como em Alemanha; mas se vêm, ou não vêm da grande tribulação. Se não vêm da grande tribulação, ainda que sejam reis ou imperadores, não lhes abre S. Pedro as portas do céu; mas se vêm da grande tribulação, ainda que sejam vis, ainda que sejam escravos, ainda que sejam os mais pobres e miseráveis do mundo, ainda que se lhes não saiba o apelido, nem o nome, todos têm as portas e entradas

do céu francas e abertas, porque assim o diz a lei universal, que a todos comprehende, e a ninguém excetua: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in Regnum Dei.*

Isso quer dizer aquele *oportet*, é necessário, é forçoso, é preciso, é infalível e sem remédio. E para que nos não admiramos de uma limitação tão absoluta e indispensável, combinemos este *oportet* com outro maior. Quando os dois Discípulos na manhã da Ressurreição iam tristes e desesperados para Emmaús; depois de os repreender o Senhor de ignorantes, tardos de coração e incrédulos, fez-lhes esta pergunta: *Nonnè oportuit* (aqui vai a palavra) *nonnè oportuit Christum pati, et ita intrare in gloriam suam?* (Luc., XXIV, 26). Porventura não foi necessário, não foi forçoso, não foi preciso, que Cristo padecesse, para assim entrar na sua glória? Foi necessário, porque ele quis; foi forçoso, porque ele o decretou; foi preciso, porque entendeu que assim importava a ele e a nós; a ele, para sua maior honra; e a nós para nosso irrefragável exemplo. Pois se ao Filho de Deus e Senhor da glória, para entrar na glória sua: *In gloriam suam*, importou e foi preciso padecer tanto; nós, cuja não é a glória, antes a perdermos tantas vezes, por que queremos ir, e entrar a ela sem padecer? Se este é o caminho que Deus fez para seu Filho, por que havemos nós de presumir que poderemos ir ao céu por outro?

Oh quem me dera saber descrever este caminho, e qual ele é! Primeiramente é muito estreito: *Arcta via est; quae dicit ad vitam*, diz o mesmo Cristo (Math., VII, 14). É lageado, ou calçado de pedras muito duras, das quais disse David: *Propter verba labiorum tuorum ego custodivi vias duras* (Psal., XVI, 4). É semeado de abrolhos, e cercado de agudos espinhos, aqueles a que foi condenado Adão: *Spinas, et tribulos germinabit tibi* (Gen., III, 18). É talhado de altíssimas barrocas e precipícios, de onde se vai o lume dos olhos, como disse o profeta: *Et lumen oculorum meorum, et ipsum, non est tecum* (Psal., XXXVII, 11). Umas vezes tem descidas medonhas a profundíssimos vales, em que é fácil escorregar sem remédio, por onde diz o Apóstolo: *Qui stat, videat ne cadat* (1º ad Corinth., X, 12). Outras vezes se levanta em serranias altíssimas, e de aspereza intratável, onde é necessário subir com os pés, e mais com as mãos, como Naas: *Manibus, et pedibus reptans* (1º Livro dos Reis, XIV, 13). E que fazem os que se vêem lá em cima, e descobrem o mundo? Vêem nele outra estrada muito larga, e nela muitos homens e mulheres vestidos de galas; muitas carroças douradas e liteiras de várias cores; muitas festas, muitos banquetes, muitos passatempos; comédias, músicas, danças, enfim, tudo prazer, tudo contentamento, tudo alegria. E muitos com saudades, ou inveja, ou desejos de viver contentes e alegres, se passam também àquela estrada, não entendendo que os que por ela caminham, são os própria e verdadeiramente tristes, porque estão e caminham sem freio pela estrada do inferno e da perdição: *Lata via est, quae dicit ad perditionem* (Math., VII, 13).

Oh se cada uma daquelas cegas e miseráveis almas se perguntasse *Quo vadis?* Como lhe responderia a fé e a razão: *Cogitavi vias meas, et converti pedes meos in testimonia tua!* (Psal., CXVIII, 59). Alma desencaminhada, alma perdida, volta, volta. Torna ao caminho estreito, se o deixaste, e senão, deixa o largo e da perdição enquanto tens tempo, e não tenhas medo ao padecer, pois é muito mais o que lá padeces sem Deus, sendo certo que na hora da morte, que não há de tardar muito, te hás de arrepender sem remédio de não ter padecido com Cristo. Mas como nas entradas do mesmo caminho não só há ladrões que roubam e ferem, como os do caminho de Jericó, senão feras bravas e leões que andam rondando: *Tanquam leo rugiens circuit, quaerens quem devoret* (Petr., V, 6), que são os demônios; quem uma vez deixou o caminho do céu, tarde ou dificultosamente torna a ele. Oh que alegria, que contentamento será o dos venturosos, que, finalmente, chegarem a entrar pelas portas daquele reino bem-aventurado: *Introire in regnum Dei!* Se é tão grande a alegria dos navegantes, quando tendo escapado das tempestades e dos corsários, ouvem dizer terra, terra; que alegria será a dos que agora padecem, quando ouçam dizer, céu, céu?

XIII

Predestinados eram para o céu aqueles mesmos Discípulos que hoje estavam tristes, quando o divino Mestre lhes disse: *Nemo ex vobis interrogat me, quo vadis?* E para o mesmo Senhor os animar a padecer, e não ter medo aos trabalhos, que costumam ser mais sensíveis à natureza ou fraqueza humana, declarou-lhes o grande preço e valor que têm no céu estas mesmas coisas de que todos tanto fogem na terra; e por fim, daquele famoso sermão, em que tomou por tema: *Beati pauperes*, voltando-se particularmente para os mesmos Discípulos, lhes disse assim: *Beati eritis, cum vos oderint homines, et maledixerint vobis, et persecutii vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejecerint nomen vestrum tanquam malum propter Filium hominis: gaudete in illa die, et exultate; ecce enim merces vestra copiosa est in caelo* (Luc., VI, 22 e 23; Math., V, 11 e 12). Então sereis ditosos e bem-aventurados, Discípulos meus, quando os homens vos tiverem ódio e vos perseguirem; quando vos disserem injúrias e afrontas; quando fugirem de vós, e vos lançarem de si; quando até o vosso nome for deles aborrecido e abominado. Mas quando tudo isto padecerdes por amor de mim, não vos deveis entristecer, senão alegrar e triunfar de prazer: *Gaudete, et exultate;* porque o prêmio que de tudo haveis de receber no céu, é muito copioso: *Quoniam merces vestra copiosa est in caelo.*

Até aqui, Senhor, são palavras tão divinas como vossas; mas para que eu melhor as saiba entender, e também declarar, dai-me licença para que nestas

últimas mude uma só. Vós dizeis: *Merces vestra copiosa est*; a licença que eu peço, é para dizer: *Merces vestrae copiosae sunt*. A mesma palavra *merces*, se é *merces mercedis*, quer dizer premio; se é de *merces mercium*, quer dizer mercadorias. E porque o nome de prêmio está quase esquecido nesta era, e o da mercancia tão válido e tão subido, parece-me que por este segundo será melhor entendido o primeiro. Sendo pois de tanto preço, como acaba de dizer a Summa Verdade, os trabalhos, as pobrezas, as perseguições, as afrontas e as outras penalidades desta vida, ou naturais, ou violentas: e sendo os homens tão cobiçosos, diligentes, e industriosos, em grangrear e aumentar mais e mais os próprios interesses, qual é a razão de estarem tão mal reputadas entre eles as mercadorias deste gênero, e os avanços delas? A razão não a pode haver; mas a sem razão e o engano é porque não lhes conhecem o valor, nem lhes sabem dar o preço. Avaliam-nas como gentios, e não como cristãos; ou, para falar mais ao certo, avaliam-nas como quem lhes faz a conta na terra, e não faz conta de que vai para o céu.

A primeira regra, ou A, B, C, da mercancia, é passar as coisas da terra onde as há e valem pouco, para onde as não há e valem muito. Se vissemos que um mercante de Lisboa, embarcando-se a comerciar nas nossas Conquistas, para Angola carregasse de marfim, para a Índia de canela, e para o Brasil de açúcar, não o teríamos por louco, e lhe perguntaríamos: *Quo vadis?* Homem néscio, tu sabes para onde vais, ou o que levas? Pois esta mesma ignorância e loucura é a de todos ou quase todos os que se chamam cristãos neste mundo. Se lhes perguntarmos para onde vão, dizem que para o céu. E se olharmos para os seus cuidados, e para os seus empregos, e para as carregações, competindo todos em quem mais há de carregar e sobrecarregar; acharemos que todo o seu cabedal empenham naquelas mercadorias, que nenhum preço, nem valor têm no céu. Cá custam muito, e lá não valem nada. O ouro e a prata não têm valor; porque lá é a pátria das delícias: as telas e os brocados lá não têm valor; porque lá é a pátria das riquezas: os gostos e os passatempos lá não têm valor; porque lá todos vestem de glória: os regalos e sabores esquisitos lá não têm valor porque lá os perpétuos banquetes são à vista de Deus. Que coisas são logo aquelas que no céu tem grande valor, e grande preço? São aquelas que lá não há. Os trabalhos, as pobrezas, as fomes, as sedes, as perseguições, os ódios, as injúrias, as afrontas, as calúnias os falsos testemunhos; e todas as outras misérias ou violências que neste mundo se padecem, estas são as que no céu só têm valia; porque no céu todos são impassíveis. Cá é a terra do trabalho e da paciência; lá é o porto do descanso, e a pátria da impossibilidade. Olhai, olhai bem para o interior desse céu, e vede o que lá só aparece e resplandece levado cá da terra. A cruz de Pedro e André: as grelhas de Lourenço: as setas de Sebastião: as pedras de Estevão: as navalhas de Catharina: as fogueiras de Tecla: as torques de Apollonia: os olhos nas mãos de Luiza. E como estas são as mercadorias que só têm valor e preço no céu, vede

se os que mais carregados e sobrecarregados se vêem destas felicíssimas drogas, tanto mais preciosas, quanto mais pesadas, vede se tem razão de se entristecer, ou de se alegrar, e de saltar da terra ao mesmo céu de prazer: *Gaudete, et exultate, quoniam merces vestra, et merces vestrae copiosae sunt in caelo.*

Estas são as mercancias dos que negociam da terra para o céu. E do céu para a terra haverá também algum mercador, e algum comércio? Sim, e muito mais admirável. O mercador não é menos que o mesmo Deus, o qual se fez homem para trazer do céu à terra o que cá não havia, e levar da terra ao céu o que lá não há: e este foi o comércio. Assim o canta a Igreja: *ó admirabile commercium! Creator generis humani animatum corpus sumens, largitus est nobis suam deitatem.* Este é o Mercador daquela nau, que trouxe de longe o seu pão: *Navis institoris de longe portans panem suum* (Prov., XXXI, 14). O pão logo veremos qual é: as mercadorias e drogas em que empregou todo o seu cabedal, e toda a sua vida, foram as que não havia no céu, nem ele enquanto Deus, e sem carne possível podia grangear na terra. Em Belém grangeou a pobreza, o frio, o desamparo; hóspede dos brutos, e sem agasalho entre os homens. Antes do Egito granjeou as perseguições e tiranias de Herodes; e no Egito os desterrados. Em Nazaré, e em vida de José, granjeou a sujeição e obediência a um oficial com nome de Pai seu, que não era. Depois de sua morte granjeou o suceder-lhe na mesma oficina, ganhando o pão para sua Mãe, e para si com o suor do seu rosto. Antes de sair ou fugir da pátria, granjeou o aborrecimento e desprezo dos seus naturais, e dos que eram seu sangue, que se devendo prezar, se desprezavam dele. Nas peregrinações de Galiléia e Judéia granjeou fazê-las sempre a pé, e muitas vezes descalço, exposto, ao sol e às chuvas, sem casa própria nem alheia, podendo invejar dos bichos da terra as covas, e das aves o repouso dos ninhos, sem ter onde reclinar a cabeça. No povoado granjeou mendigar cotidianamente o comer, e talvez pedindo um púcaro de água, não só a quem lho negou, mas lhe estranhou o pedi-la. No deserto granjeou o contínuo jejum, e depois da fome de quarenta dias, as tentações do demônio, uma, duas, e três vezes combatido. Finalmente, entrado na corte de Jerusalém, e réu da sua própria sabedoria e milagres, granjeou os ódios e invejas dos escribas e fariseus, e o decreto de morte fulminado pelos príncipes dos sacerdotes contra sua inocência. E naquele dia e noite fatal, que foi o da feira geral e franca do seu comércio, no Horto granjeou as agonias e as prisões: no palácio de Annaz as bofetadas: no de Caifaz as blasfêmias: no de Herodes os desprezos: no Pretório de Pilatos as acusações, os falsos testemunhos, os açoites, a coroa de espinhos, e por remate de tudo, a morte de cruz entre ladrões no Calvário. Isto é o que a mesma pessoa de Cristo como mercador veio granjear do céu à terra; e por isso o que levou da terra para o céu, foram somente as chagas. São Paulo diz que deu aos homens: *Dedit dona hominibus* (Ephes., IV, 8): David diz que recebeu dos homens: *Accepisti dona in hominibus* (Psal., LXVII,

19); e como o comércio consiste em dar e receber, tudo foi: porque a nós deu-nos a sua divindade: *Largitus est nobis suam Deitatem*: e de nós recebeu as mesmas chagas: *Quid sunt plagae istae in medio manuum ruarum? His plagatus sum in domo eorum, qui deligebant me* (Zachar., XIII, 6).

Em suma, de tudo o que fica dito, esta mesma, e não outra, havia de ser a resposta do divino Mestre, se os Discípulos lhe perguntassem: *Quo vadis?* Mas eles porque não fizeram a pergunta, ficaram tristes: e nós pelo contrário, porque ouvimos na resposta os grandes interesses do prêmio que nos espera no céu: *Merces vestra copiosa est in caelo*; por muitos que sejam os trabalhos e moléstias do caminho, não devemos estar tristes, senão muito alegres: *Gaudete, et exultate.*

XIV

E para que acabemos por onde começamos, e tornemos à mesa de onde saímos, se a alma que vai para o céu, e o corpo que vai para a sepultura, me perguntarem pelo viático, com que se hão de sustentar em um e outro caminho; este é aquele pão que o mesmo mercador do céu trouxe à terra, e eu reservei para este lugar: *De longe portans panem suum*. O Santíssimo Sacramento do altar, é pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de caelo descendit* (Joan., VI, 59): e este pão não só é viático para a alma, senão também para o corpo. Ouvi o que diz o mesmo Senhor: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum et ego resuscitabo eum in novissimo die* (ibid., 55). Quem come este pão, viverá eternamente, e eu o ressuscitarei no último dia. É viático para o corpo, que caminha para a sepultura; porque na mesma sepultura o há de ressuscitar: e é viático para a alma, que caminha para o céu; porque a alma em se apartando do corpo, há de viver no céu eternamente. Quando Elias pediu à sua alma que o deixasse morrer: *Petivit animae suae, ut moreretur* (3º Livro dos Reis, XIX, 4), apareceu-lhe um anjo que lhe deu a comer um pão, dizendo que ainda tinha muito que caminhar: *Grandis tibi restat via* (ibid., 7). Desta palavra *via* deriva o nome de viático; mas o nosso muito melhor que o de Elias. Se Elias houvesse de morrer como os outros santos daquele tempo, a sua alma não havia de ir logo ao céu, senão ao seio de Abrahão; e porque ainda está vivo, não há de ir ao céu senão no fim do mundo. Assim o viático de Elias era como o do nosso corpo, que não há de ir ao céu senão quando ressuscitar; porém o viático da nossa alma, por virtude do Santíssimo Sacramento, não é como o de Elias, porque logo em se apartando a alma do corpo, vai gozar de Deus no céu. Oh bem-aventurados trabalhos, que tão depressa nos hão de levar ao descanso! Oh bem-aventuradas pobrezas, que tão depressa nos hão de levar à glória!